

## TIRAS EM QUADRINHOS DA TURMA DO XAXADO: DA INDÚSTRIA CULTURAL AO LEITOR DESVIANTE

Elizia de Souza Alcântara<sup>5</sup>

Orientador: Prof. Dr. Roberto Seidel

*Resumo:* O objetivo deste trabalho é analisar como se configura, na contemporaneidade, a rede de relações entre os domínios sócio-simbólico-culturais presentes no discurso das tiras em quadrinhos da Turma do Xaxado, do quadrinista baiano Antonio Cedraz. Pretende-se discutir, especificamente, em que medida o leitor\consumidor cria táticas de leitura capazes de desestabilizar os modelos fabricados pela indústria cultural que transformam os textos culturais em aparatos mercadológicos. Para tanto, busca-se investigar de que forma a prática de leitura das narrativas quadrinizadas pode “alienar” ou “desviar” o leitor na sua relação com a linguagem, a cultura e o signo do capital. Portanto, com base nas contribuições teóricas de Theodor Adorno, Michel de Certeau, Roland Barthes, Italo Calvino, Giorgio Agamben, dentre outros, espera-se problematizar sobre essas questões e abrir espaços de debate em torno de como se organizam os modos de produção e consumo das tiras em quadrinhos no cenário contemporâneo.

*Palavras-chave:* Indústria cultural. Leitura. Mercado. Tiras em quadrinhos.



Fonte: Editora e Estúdio Cedraz, 2008, p. 10 V.1

Neste trabalho de pesquisa, elege-se como objeto de estudo o gênero discursivo tiras em quadrinhos objetivando uma reflexão em torno de como se configura o texto-imagem no cenário contemporâneo, bem como investigar de que forma os quadrinhos podem agenciar um modo de leitura politizada. Assim, o aporte teórico se articulará com base em alguns textos analisados durante o processo de creditação do Mestrado em Crítica Cultural, além do corpus de análise a partir da seleção das tiras em quadrinhos do quadrinista baiano Antonio Cedraz.

Para tanto, é imprescindível destacar a valiosa contribuição dos Estudos Culturais, no século XX, para o estudo da discursividade e da textualidade. É por este viés que podemos refletir sobre a noção de texto como suporte para se refletir sobre a cultura na sociedade contemporânea. Sendo assim, o texto é legitimado como “fonte de significado”, em que

<sup>5</sup> Mestranda em Crítica Cultural. E-mail: alcantara.elizia@ig.com.br.

questões de ordem política, histórica, social são colocadas sob tensão objetivando com isso, engendrar novas alternativas de ação para discutir as relações de força impregnadas no processo saber-poder que marcam o cotidiano do indivíduo em sociedade.

Texto e cultural. Foi essa intersecção que marcou a virada lingüística e cultural engendrada pelos Estudos Culturais redefinindo, dessa forma, os rumos do estudo da linguagem no cenário contemporâneo. As questões culturais passam a ser analisadas a partir do texto como prática discursiva que tensiona as relações entre língua, cultura e relações de força. Nesse sentido, considerando também a abertura de fronteiras entre os múltiplos gêneros discursivos, tanto a literatura como as novas ordens textuais são locais de enunciação à medida que produzem sentidos nos espaços sociais, políticos e históricos.

Nesta ótica, pesquisar as tiras em quadrinhos como gênero discursivo é mais um processo de abertura para se analisar outras formações discursivas, além dos cânones literários. Para isso, rompe-se com a intenção de formular um juízo de valor ao classificar e separar se o texto é literário ou não literário, “maior” ou “menor” na sua potência artístico-literária.

Por muito tempo, a linguagem dos quadrinhos foi considerada inferior e\ou marginal quando comparada às “grandes obras” legitimadas pela tradição literária. Não se quer dicotomizar texto de alta excelência literária ou texto sem excelência literária, em contrapartida, busca-se instaurar o estudo de outros textos invisibilizados durante muito tempo devido aos parâmetros normatizados pelos cânones literários.

Na Bahia, os quadrinhos têm uma força bastante expressiva por meio das produções do artista Antonio Cedraz, nascido em Miguel Calmon, distrito de Jacobina, cidade onde foi criado. Iniciou os seus trabalhos com desenhos e histórias em quadrinhos com 16 anos e atualmente é considerado o Mestre do Quadrinho Nacional pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo. “É, muito provavelmente, o mais importante e premiado quadrinista da região nordeste”, afirmação de Chico Castro Júnior, jornalista da Revista Mundo\A Tarde, na reportagem “A volta do Xaxado” (2013, p. 42).

Investigar a linguagem dos quadrinhos produzidas na Bahia abre-nos a possibilidade de olhar criticamente para as engrenagens capitalistas que transformam textos culturais em aparatos mercadológicos. É através da técnica da padronização e seriação que a indústria cultural classifica o que deve ser vendido, além de despertar no consumidor a “sensação” de que pode ter acesso a todos os produtos, forjando assim, a idéia da universalização. Tudo é

bom. Todos compram. Todos são iguais perante o que é comercializado na sociedade. Em virtude disso, os usuários sentem um pseudo-prazer na aquisição da mercadoria.

Assim, a produção das tiras em quadrinhos também é domesticada pela indústria cultural. Nesse contexto, o consumidor e\ou leitor é o maior alvo da dinâmica conservadora da tríade do signo capital: Estado, mercado e técnica.

Theodor W. Adorno (1985, p. 108) está atento para essas questões quando afirma que “o denominador comum “cultura” já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração.” Sendo assim, como se apresenta o leitor\consumidor das tiras em quadrinhos na contemporaneidade? Será ele alienado? Ou capaz de “desviar-se” das posições manipuladoras da indústria cultural do consumo?

Em decorrência disso, as tiras em quadrinhos passam pelo crivo do mercado que ao oferecer ao consumidor e\ou leitor prazer, diversão e entretenimento – refúgios para “amenizar” as práticas discriminatórias e excludentes do sistema capitalista – padroniza os desejos e condiciona o\individuo a não pensar, a não resistir ao mundo da mercadoria. Para Debord (1992)

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes das necessidades, menos ele compreende a sua existência e o seu próprio desejo (p. 25-26).

A concepção de que as histórias em quadrinhos servem apenas para a diversão e entretenimento foi forjada pela indústria cultural. Com efeito, as narrativas quadrinizadas como produção de massa adquirem o rótulo de linguagem para divertir. É um passatempo. Enfim, o leitor e \ou consumidor é persuadido a comprar diversão. Theodor Adorno acrescenta:

Divertir-se significa estar de acordo. Isso só é possível se isso se isola do processo social em seu todo, se idiotiza e abandona desde o início a pretensão inescapável de toda obra, mesmo da mais insignificante, de refletir em sua limitação o todo. Divertir-se significa sempre: não ter que pensar, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última idéia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir (1985, p. 119).

Embora se tenha convicção de que os consumidores são adestrados pela indústria cultural, cabe repensar modos alternativos para enfrentar a homogeneização da vida imposta pelo modo capitalista. Trata-se assim, do sujeito contemporâneo experienciar uma tomada de

posição ética-analítica-política frente a sua identificação, ao que produz, aos seus valores, comportamentos e vontades.

O desafio é desviar-se. Para isso, o leitor constrói a sua tática. Diz como e quando ler. Desta nova tomada de posição, engendra-se uma nova prática de leitura: a heterológica. Washington Drummond nos esclarece a partir das ideias bataillianas:

Se o termo “heterologia está inicialmente ligado à morbidez dos tecidos, na contextualização batailliana, será uma espécie de economia dos resíduos, restos não assimiláveis, por vezes abjetos, que rompem, esgarçam as composições homogêneas, impondo o singular e o irrecuperável (2013, p. 30).

Portanto, a leitura heterológica deseja instituir o heterogêneo. Convida o leitor a potencializar uma leitura diferente, aquela que não acomoda o sujeito diante das interdições arraigadas nas situações de produção do conhecimento, ora alienando, ora serializando os comportamentos humanos. Nesse contexto de ressignificação do ato de leitura, ler é reagir. É resistir. É prática de significação mobilizando ações micropolíticas para que a singularidade de cada indivíduo possa ser reconhecida. Instaure-se assim, a leitura que “acorda” o leitor e o faz afirmar a vida.

Nesse processo de afirmação da vida, o leitor\consumidor é visto como diferente pelas estratégias de poder do Estado, da indústria cultural e da publicidade. Quanto mais domesticá-lo, melhor para as vendas e o lucro. Não se quer um leitor, ativista cultural, manifestante ou “rebelde sem causa” promovendo transformações sociais sejam elas no plano individual ou coletivo. Ao mesmo tempo em convive com os modos operantes do capital, o leitor\consumidor busca “linhas de fuga” para problematizar sobre a vida. Seja o leitor consumidor, trabalhador, operário, militante, “intelectual da academia”, manifestante, etc cada um se constitui de identificações que traduzem seu modo de vida, seu olhar diante do mundo. Por fim, sentir-se sujeito passivo ou desviante expressa se queremos uma pseudo-vida, marcada pela barbárie da indústria cultural ou uma vida verdadeira, melhor, possível, potente.

Estudar o discurso dos quadrinhos no âmbito dos Estudos Culturais e mais especificamente na linha de trabalho do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural requer do pesquisador como sujeito do conhecimento, a elaboração de um novo processo de investigação, em que as noções “prontas” e “naturalizadas” da linguagem e da cultura sejam ressignificadas. Eis o primeiro passo para quem deseja se tornar um crítico cultural.

A reflexão iniciada neste artigo abre um debate em torno de como se configura a produção e consumo das tiras em quadrinhos na vida contemporânea, assim como, de que

forma os leitores dessa prática discursiva mobilizam o saber-poder visibilizado nas narrativas quadrinizadas. Espera-se, portanto, que as análises realizadas sirvam de instrumento para identificarmos as estratégias da mercantilização da cultura e propormos “táticas” de combate ao processo de homogeneização que marca as relações sociais.

#### **REFERÊNCIAS:**

ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1992.

DRUMMOND, W. *Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico*. Disponível em:  
<<http://muros.art.br/>>

CEDRAZ, Antônio. *Turma do Xaxado*. Salvador: Editora e Estúdio.

